

EXPERIÊNCIAS NA TV: O GLOBO REPÓRTER DOS ANOS 70

Aluno: Igor Andrade
Orientadora: Andréa França

Introdução

O *Globo Repórter* é o único programa televisivo, de origem documental, que está no ar até hoje. Surgiu no período mais repressivo do regime militar, nos anos 70, sobrevivendo à ditadura e se adequando, sobretudo, a uma censura de conteúdo mais preocupada com possíveis provocações e críticas políticas do que com questões ligadas aos procedimentos de linguagem. Tratava-se de um programa jornalístico sucesso de público e de crítica que estreou em 04 de abril de 1973, às 23 horas, dando continuidade ao seu precursor, o *Globo-Shell Especial*: série de documentários que entrou no ar pela primeira vez em 14 de novembro de 1971, também no horário das 23 horas. Os altos índices de audiência do *Globo Repórter* fizeram com que, um ano depois, em setembro de 1974, o programa passasse a ocupar o horário nobre, às 21 horas, entre a novela das oito e a das dez. Inicialmente filmado em película, já no início dos anos 80 o programa começaria a ser feito em vídeo, uma alternativa mais econômica dentro do processo de gravação e edição das imagens.

A particularidade de que uma expressiva geração de diretores brasileiros – como Eduardo Coutinho, Maurice Capovilla, Walter Lima Jr., João Batista de Andrade, Geraldo Sarno, Hermano Penna, entre outros - tenha produzido e exibido documentários na grade de programação da Rede Globo durante o período mais repressivo do regime militar, com filmes que contribuiriam para problematizar/criticar a realidade brasileira e questionar opções éticas e estéticas comuns ao documentário brasileiro daquele período, é uma das questões de estudo desta pesquisa. Trata-se de uma particularidade a ser analisada porque muitos destes cineastas tiveram trajetórias ligadas às questões da revolução nacional-popular no Brasil dos anos 60, alguns deles vinculados às formas de engajamento político propostas pelo Cinema Novo e pelo Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes (CPC da UNE). Se, de fato, diversas circunstâncias fizeram com que o trabalho naqueles anos dentro da Globo fosse menos controlado do que se poderia imaginar, a pesquisa vem investigando, nos filmes realizados e exibidos, o modo como a censura, interna e externa, ajudou os novos profissionais de televisão a abandonar a sua herança radiofônica e a narração sociológica, prática comum no cinema documentário brasileiro dos anos 60 (BERNARDET, 2003), em prol de uma exploração da imagem mais preocupada em experimentar suas possibilidades estéticas e narrativas.

Como foi possível que cineastas oriundos dos movimentos de esquerda fossem para televisão e trabalhassem nela durante os anos mais repressivos da ditadura militar? Essa é uma das perguntas que nos instiga e mobiliza nossa pesquisa. É certo que as respostas são complexas mas, em função desse estudo, podemos adiantar que alguns destes profissionais detinham um capital simbólico (prestígio, status, legitimidade, poder) de extrema valia dentro do novo meio que buscava se modernizar, dialogando com a visão ufanista e conservadora do momento. Para pensar essa questão, escolhi o documentário de Eduardo Coutinho, *Theodorico, o Imperador do sertão*, exibido no programa *Globo Repórter*, em 1978, e bastante diferente dos outros filmes que o documentarista dirigiu no programa da Rede Globo.

Finalmente, essa pesquisa conta com o auxílio do CNPq sob a forma de apoio a Grupo de Pesquisa e de bolsa de produtividade.

Objetivo

Para analisar essa produção cinematográfica, feita dentro da Rede Globo nos anos 70, escolhi inicialmente o documentário de Eduardo Coutinho, *Theodorico – o imperador do sertão*, porque é um filme centrado unicamente em um personagem e porque este personagem é um integrante da elite rural brasileira, fazendeiro e político.

Metodologia

Muitos desses documentários estão hoje esquecidos, apesar de serem importantes para a cinematografia brasileira, e um trabalho de localização e resgate de seus originais é necessário. Parte da pesquisa se concentra na ida a arquivos fílmicos, entre eles a Filmoteca da Rede Globo, o Arquivo Nacional e o MAM do Rio de Janeiro, e na catalogação do local onde estão os filmes do programa. A análise e interpretação desses e de outros documentários que dialoguem com as questões aqui levantadas são feitas através de reuniões onde o grupo discute os aspectos da linguagem utilizada ou o tipo de abordagem do tema, por exemplo.

No âmbito acadêmico, muito já se escreveu sobre o Globo Repórter, e um levantamento desta bibliografia tem sido feito e é parte essencial da pesquisa, pois possibilita o diálogo e fornece material para uma abordagem futura. As teses, artigos e dissertações conseguidas estão todas disponibilizadas para uso dos integrantes do grupo de pesquisa dentro de um site criado e mantido pelo grupo. Alimentamos o site a cada nova descoberta da pesquisa. Além dos trabalhos acadêmicos, estamos também transcrevendo e fazendo entrevistas com os cineastas do período, pois muitas vezes é necessário o contato com pessoas ligadas ao programa (cineastas, técnicos ou jornalistas) para esclarecer procedimentos, o contexto de realização, a relação da equipe com a emissora e o governo. Existe ainda a necessidade de levantar uma bibliografia referente ao período do programa, sobretudo investigar as matérias que foram publicadas na imprensa (revistas, periódicos e jornais). No que tange a recepção do público, a Biblioteca Nacional é um ponto referencial para a pesquisa sobre matérias, críticas ou artigos produzidos pela imprensa da época.

Conclusão

A importância desses documentários feitos para a televisão está relacionada a um contexto de crise do documentário brasileiro na década de 60 e, por conseguinte, a uma nova proposição de registro da realidade. Em busca dessa nova maneira de fazer documentário encontramos cineastas preocupados em discutir sua própria subjetividade dentro da obra.

A leitura dos livros e dissertações vem permitindo maior compreensão do período de produção dos documentários do Globo Repórter e suas questões relativas à linguagem e ao tema. A visão de muitos filmes só foi possível pelas pesquisas na Filmoteca da Rede Globo e do MAM. Embora ainda não tenha terminado os trabalhos de levantamento, principalmente filmográfico, já temos uma quantidade grande de material de pesquisa.

Referências

1 - Silva, Heidy Vargas. **Globo-Shell Especial e Globo Repórter: as imagens documentárias na televisão brasileira** / Heidy Vargas. – Campinas, SP: [s.n.], 2009.

2 – Bernardet, Jean-Claude. **Cineastas e imagens do povo** / Jean-Claude Bernardet. – São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

3 – Lins, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo** / Consuelo Lins. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2004.